ANO 1.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 1922 N.º 256

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.--End. Teleg. DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

REUNEM no proximo sabado, em sessão conjunta, no edificio do nosso colega *A Republica*, os centros Ribeiro de Carvalho, Antonio Granjo e Manuel de Arriaga, para nomeação de comissões eleitorais permanentes em todas as freguezias da cidade e não para tratarem, como hoje constou pela imprensa, da dissolução do partido liberal.

E' certo haver no partido quem tenha sôbre politica, pontos de vista diferentes, mas, ao que sabemos, ninguem ali pensa provocar scisões, embora possa haver quem esteja no proposito de abandonar o partido, o que é diferente.

* * *

A noticia de que, de um momento para o outro, podem ser feitas prisões de individuos implicados como mandatarios, nos crimes da *noite tragica*, traz em desassossego muita gente. É que ninguem tem a certeza de que, entre as pessoas do seu conhecimento, não haja alguma que possa cair nas mãos da justiça. Á medida que as investigações se encaminham para o seu termo, ainda haverá destemidos dispostos a arriscar a pele do *Dente de Ouro?*

* * *

[illegible] que foram ao Porto ar[illegible] ao 31 de Janeiro, deu-se este caso singular — colheram mais aplausos e ovações á partida que á chegada, apesar de ser já conhecida a demissão do governo, ao tomarem o rapidode Lisboa. Houve mesmo quem soltasse «vivas» á Republica. Como preguntassemos a alguem a razão do facto, disse-nos:

— «E' que o Porto, ao contrario do que acontece em Lisboa, só começa a apreciar os governos quando caem» —.

* * *

UM africanista foi burlado em 1.800$00 por um espertalhão que se serviu do celebre «conto do vigario». Decidiu não fazer queixa á policia por entender que o vigarista se portara como um mestre na arte de furtar. Reputamos digna de aplauso a sua atitude, visto que, depois de perder o seu dinheiro, conservou ainda o senso bastante para admirar um «trabalho» bem feito.

* * *

O ANTIGO deputado sr. Afonso de Macedo, apesar de ter desistido da sua candidatura por Torres Vedras no ultimo acto eleitoral, recebeu uma carta de um grupo de amigos de Cadaval, Vila Franca e Alenquer, declarando que o propunham, embora contra sua vontade, por confiarem no seu republicanismo.

* * *

DO juiz auditor do Tribunal de Marinha recebemos um oficio em que se pede que indiquemos o nome do redactor do *Diario de Lisboa* que fez a reportagem da audiencia do julgamento do tenente da armada Monteiro Rebocho, a fim de ser inquerido como testemunha no processo em que é queixoso o capitão-tenente Cesar Procopio de Freitas.

* * *

O SR. ministro das Finanças defende os governos de concentração. E como a nossa crise é temerosa, propõe-se resolve-la com *monstros*.

SEM GOVERNO

Ha quantos anos isto dura! Portugal vive em plena anarquia governativa, desde o dia em que, por uma inversão de valores mentais e morais, os incompetentes e os sofregos conseguiram assenhorear-se do poder.

As crises ministeriais passam diante dos nossos olhos, como uma serie vertiginosa de episodios, sem ordem e sem nexo.

Não ha, dentro delas, um pensamento, mas tão sómente o galope duma loucura, em marcha para o vacuo total.

Dizia-se que o regime não tinha homens, mas puderam constituir-se já trinta e cinco governos republicanos que nada mais fizeram que mostrar que um povo que vive só de esperanças corre risco de um dia se despenhar no desespero.

Como foi possivel descobrir tanta gente sem vocação?

Sabe-se lá!

Fabricaram-se ministros de todas as idades, uns recomendados por virtudes herdadas da monarquia, outros [illegible] motins e matinadas da plebe ou da soldadesca.

O resultado foi sempre o mesmo —os governos não se aguentam mais que uns meses, caindo sem saber porquê, incapazes de gizar e executar uma obra que honre a nossa mentalidade politica.

Palavras e miragens, promessas e vagalumes.

A queda do sr. Cunha Leal, no instante doloroso em que o eleitorado acaba de confessar-se farto de inventar parlamentos que se repetem como sombras da mesma inalteravel mentira, devia imediatamente provocar nos partidos um firme proposito de o substituirem, sem uma hesitação, a fim de que se não diga que o terror das responsabilidades lhes gela o sangue e lhe corta as rubras papoulas da ambição. Isso sim! Já se estuda a formação de um governo de jovens e velhos sonolentos, destinado a matar o tempo, emquanto o cambio nos isola cada vez mais da vida internacional e o «deficit» cresce como um sorvedouro que sugará todos os recursos do país.

Se Portugal não fôra um povo de oito seculos, com energias que resistiram a longas e duras provações, onde estariamos nós?

Maldita sorte a nossa!

Quando tudo parecia conjugar-se, para que nós fossemos o exemplo dos pequenos povos felizes, os fados invertem o que a natureza dispuzera e mimoseam-nos com a obra de trinta e cinco ministerios que transformam o Estado num curral sem cancela.

Quando terá Portugal um governo dos que governam?

Quando surgirá, nesta malfadada terra, um homem dos que, com vontade e razão autonomas, avançam para os problemas da politica com o animo de os resolver?

NUM CARRO DO POÇO DO BISPO

(Desenho de Sanches de Castro)

—O' seu condutor. Você não vê que eu não preciso pagar sobretaxa... eu cá já vou taxado.

O TELEGRAFO continúa a garantir-nos que Lenine irá á conferencia de Genova. Se tal se der, a sua presença deve constituir por si só um numero de sensação.

Apesar dos que teimam em apresenta-lo como o *czar vermelho*, Lenine é um homem modesto, rijo como o aço sob uma aparencia de convalescente.

Um dos seus amigos descreve-o assim:

—«Lenine tem sempre diante dos olhos uma obra que ha de durar mil anos, se bem que ele dê a impressão de durar poucos dias.»

* * *

LU Tseng-Tsiang, que representou a China na conferencia de Washington, disse a um jornalista que o seu país não morrerá nunca com as actuais dificuldades financeiras, mas que a falta de patriotismo o poderá perder.

Como a China é o mais velho dos povos existentes, vê-se que a muita idade lhe apagou um tanto a crença no seu porvir. A aristocracia chinesa resigna-se, perante a revolução. As multidões tambem não sentem um entusiasmo enorme para se aproveitarem das garantias da liberdade. Por isso, as potencias convidam a China a ser prudente — ela cuja politica foi sempre uma escola de lentas reflexões.

* * *

A inspecção do comercio de cambios comunicou aos bancos e casas bancarias que não devem aceitar autorizações para a compra de cambiais que não venham rubricadas pelo sr. ministro das Finanças, sendo necessario muita cautela com as que tenham data anterior a 22 de Janeiro p. p.

Que abusos se cometeram? Que comercio é este que não há meio de se tornar completamente legal e licito?

* * *

EUGENIO de Castro e Leonardo Coimbra receberam convite para irem fazer cada qual uma conferencia na «Residencia de Estudantes» de Madrid. Não sabemos se aceitaram ou não, mas qualquer dos dois, tanto o poeta como o filosofo, são dignos de representar o espirito português em terras de Castela.

* * *

SEGUNDO um dos nossos livreiros, as mulheres portuguesas deliram por dois escritores — Julio Dantas e Antero de Figueiredo.

Se estes soubessem até que ponto são admirados, já tinham feito da sua vida um romance. Infelizmente, para eles, receam comprometer-se em grandes aventuras.

* * *

NÃO obstante ser hoje quinta feira, no ministerio do Interior não se pode obter ainda uma informação exacta sobre o resultado das eleições. Este caso marca bem o grau de progresso a que chegamos nas nossas distracções.

* * *

SAIU o n.º 7 da *Seara Nova*, colaborado por Jaime Cortesão, Quirino de Jesus, Ezequiel de Campos, Faria de Vasconcelos, João de Barros, Raul Proença, Gomes Ferreira, Humberto Pelagio e Camara Reis.

* * *

OS jornais franceses encarecem, a ponto de pouca gente os poder comprar, vendendo-se, por exemplo, a *Comœdia* já a $60.

A NOSSA CRISE FINANCEIRA

O valor da unidade monetaria

"A teoria quantitativa da moeda ajusta-se á realidade dos factos, dentro de limites que não vão além de 10 °|o, para mais ou para menos, em tempos normais"

O dr. Pacheco de Amorim responde a uma local de "O Seculo"

Com o titulo «Leis economicas» publicou o *Seculo* de 27 de janeiro uma local em que se fazem certos reparos á parte final do nosso artigo de 25 do mesmo mês, local essa de que só hoje tivemos conhecimento.

O dito reparo ou observação feita incidiu sobre o facto de desdobrarmos em dois principios, doutrina que o autor da local entendeu poder enunciar-se num só.

Não contestaremos essa possibilidade, mas alegamos em nossa defesa as razões que motivaram tal desdobramento e que foram duas:

1.ª haver na doutrina referida dois aspectos de moeda a considerar—a *qualidade* ou substancia e a *quantidade*. No primeiro principio enunciado atendeu-se principalmente á *qualidade*, pondo em evidencia que esta não influe no valor (intrinseco, já vê) da moeda; no 2.º pôz-se em evidencia a *quantidade* e disse-se a relação que a liga com o valor da mesma moeda. Esta foi a primeira razão porque fizemos o desdobramento em questão. A 2.ª foi para sermos mais claros para quem nos desse a honra de nos lêr.

Dito isto, permitimo-nos observar ao erudito autor da referida local que a teoria quantitativa da moeda só pode ser considerada como *grosseira* aproximação da realidade, por quem não tiver tido o cuidado de vêr até onde vai essa aproximação.

Tal cuidado tivémo-lo nós, num momento em que a opinião corrente entre os nossos economistas e, o que era mais grave, entre os politicos, era muito mais contraria á teoria quantitativa do que a que estamos analisando.

Nesse momento, a opinião corrente era a de que o volume do numerario circulante não influia nos cambios, nem nos preços. Tive ocasião de constatar este facto na nossa literatura economica, e muito especialmente no Parlamento, quando se discutiu, em dezembro de 1917, a criação da Consortium Bancario. Por tal doutrina nos parecer simplesmente absurda, foi que nos resolvemos a estudar directamente a questão, vendo até que ponto a teoria quantitativa da moeda se aproximava da realizada.

Para tanto, procurámos obter da Casa da Moeda dados estatisticos que nos permitissem calcular, tão aproximadamente quanto fosse possivel, o volume de numerario metalico em circulação. Dos boletins semanais do Banco de Portugal colhemos os numeros correspondentes ás reservas metalicas e ao papel moeda. Estes elementos permitiam-nos calcular, com uma aproximação relativamente grande, a media do numerio circulante, o que fizemos por medias trimestrais. As cotações da Bolsa de Lisboa forneciam-nos as cotações da libra ouro, que tambem calculamos por medias trimestrais.

Dividindo o volume medio do numerario circulante pelo preço medio da libra ouro, achamos quocientes que oscilavam entre 18 e 22 milhões esterlinos, numeros redondos, media 20 milhões desde o 3.º trimestre de 1909 até ao ultimo trimestre da guerra (2.º trimestre de 1918). Quer dizer, apesar de todas as vicissitudes porque passou a Nação desde 1909 a 1918, o preço da libra ouro, com diferenças de 10 o|o para mais ou para menos, variou sempre na razão inversa do volume do numerario circulante.

O armisticio elevou a perto de 37 milhões de libras ouro o equivalente da nossa moeda, provocando um desvio anormal 85 o|o, anormalidade essa que trouxe como consequencia logica uma reacção em sentido contrario que fez baixar o mesmo equivalente em ouro á cifra de 12 milhões esterlinos no 1.º trimestre do ano passado.

De então para cá, esse numero tem vindo sempre em crescimento, devendo atingir o valor medio de 20 milhões, dentro de pouco tempo.

Ora êste numero de 20 milhões de libras era tambem o equivalente da nossa moeda no tempo em que vigorava entre nós o regime da convertibilidade da nota, como se pode vêr em Fuschini (*O Futuro*, salvo êrro de memoria quanto ao titulo da obra). E, embora falhem os dados estatisticos desde 1891 em diante quanto á moeda de ouro, ainda existente no país, é comtudo facil de vêr que as coisas se passam de modo sensivelmente igual até 1909.

Uma coisa, porêm, se pode afirmar com certeza e é que, dentro dos limites marcados, a teoria quantitativa se verifica desde 1909 em diante e que as estatisticas a não desmentem daí para traz até 1890.

Como vê o erudito autor da local do *Seculo*, a teoria quantitativa da moeda ajusta-se á realidade dos factos, dentro de limites que não vão além de 10 0|0, para mais ou para menos, em tempos normais.

Poderá chamar-se *grosseira* tal aproximação?

Se se tratasse dum fenomeno astronomico, diriamos que sim, e se dissessemes o contrario é porque nada sabiamos da perfeição a que chegaram os instrumentos em uso na astronomia.

Mas em questão de caracter economico poderá chamar-se *grosseira* tal aproximação?

Crêmos bem que não e vamos dizer porquê.

As doutrinas quantitativas são postas em contacto com os factos por meio dos *instrumentos de medida* que avaliam êsses factos em numeros.

Uma teoria é boa emquanto os seus êrros proprios forem inferiores aos que são inerentes aos instrumentos usados. Uma teoria é insuficiente, é *grosseira*, quando as diferenças entre as suas previsões e os factos observados forem superiores aos êrros dos instrumentos que avaliam êsses factos, depois de deduzidos os efeitos das causas perturbadoras.

Ora, a que ficariam reduzidos os 10 °|o de desvio a que nos referimos, se lhes deduzirmos os efeitos de todas as causas perturbadoras da influencia do volume do numerario circulante sobre o *valôr* da unidade monetaria? Se atendessemos ás flutuações a que está sujeito o valor do proprio ouro, provenientes das variações que sofre, não só o volume desse metal, mas muito principalmente, o volume do ouro amoedado em barras? Se atendessemos ainda ás variações que sofre a produção e o consumo, ás perturbações politicas e sociais, a todas essas inumeras causas que podem influir no *valôr* do *ouro* e no *valôr* da moeda do país? Se todas estas causas se pudessem pesar e se substituissemos os seus efeitos daqueles miseros 10 °|o, com certeza que estes ficariam reduzidos, senão a *zero*, pelo menos a muito pouco.

Mas supondo mesmo que não faziamos este desconto, ou que, depois de feito, os 10 °|o ficavam sensivelmente os mesmos, perguntamos nós: Um erro de 10 °|o será bastante para classificar de *grosseira* uma teoria economica?

Não, porque os numeros de que a economia lança mão são fornecidos pelas estatisticas, cujos erros não vão muito além de 10 °|o, por mais bem feitas que as supuzemos.

Talvez o erudito autor da local do *Seculo*, se nos der a honra de nos ler, estranhe que entre as causas perturbadoras da teoria quantitativa, não incluamos a *velocidade* do meio circulante.

Não foi por esquecimento que nós fizemos essa omissão. A razão foi outra, foi... não acreditarmos nos efeitos da tal *velocidade*.

E não acreditamos na existencia desses efeitos, porque nem eles se revelam *á priori*, nem são constataveis á *posteriori*. Na verdade, esses efeitos, a existirem, viriam de envolta com tantos outros que seria impossivel isolá-los de modo a pôr em evidencia a sua insofismavel existencia.

Por isso dizemos que, a existirem, não seriam constaveis *á posteriori*. Tambem se não pode afirmar a sua existencia *á priori*, como fazem aqueles que disso se servem para combater a *teoria quantitativa*, porque o raciocinio por eles feito, é insuficiente, é mesmo *grosseiro;* atendem á *velocidade* do *numerario* e não atendem á *velocidade* correspondente das *mercadorias* transaccionadas com o mesmo numerario. Ora estas duas velocidades, sendo iguais e paralelas, produzem movimentos iguais, verdadeiras *translacções* que não alteram as posições relativas dos elementos que giram no mercado.

Se o numerario pára, as mercadorias pàram com ele; se o numerario gira, as mercadorias seguem-no como sombras.

Quanto aos receios manifestados pelo erudito adversario da *teoria quantitativa*, acerca das conclusões erradas que certas pessoas podiam tirar do nosso artigo, creio não haver tais rasões para sustos, porque não é das pessoas que lêm mal que vêm complicações para o assunto de que se trata.

Quanto á afirmação de que a redução da circulação fiduciaria viria, *neste momento*, agravar o mal que pretendemos remediar, é caso a que só poderia responder depois de trocado em meudos.

Para terminar, resta-me agradecer ao erudito autor da local do *Seculo* o ensejo que me deu de voltar de novo ao assunto, ácerca do qual correm no nosso meio preconceitos que urge desfazer.

Pacheco de Amorim

Agradecimento

Rodrigo Bessone Basto não pode por mas tempo calar o seu profundo agradecimento ao ilustre clinico o Ex.mo Sr. Dr. Manuel Barbosa, pela forma proficiente, cativante, dedicada e extremamente carinhosa como tratou seu filho duma grave doença, que por vezes desalentou os que o rodeavam, e que hoje se encontra completamente restabelecido.

Apesar de saber, por experiencia propria, a proverbial modestia de tão ilustre medico, seja-me permitido patentear publicamente, com este humilde, mas sincero, agradecimento, a sua gratidão a quem tão sabiamente concorreu para o restabelecimento do seu filhinho, pondo em relevo o seu muito saber, aliado a uma dedicação inolvidavel.

Pedrouços, 30 de Janeiro de 1922.

ADVOGADOS

Pires do Vale

João de Vasconcelos

Luciano Barata

acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.
Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.
Rua Augusta, 129, 1.º — LISBOA

VICTOR MOREIRA FONTES
--- CLINICA GERAL --- DOENÇAS DAS SENHORAS ---
CONSULTORIO
Rocio, 59, 1.º -- Tel. 5:497 C.
--- CONSULTAS DAS 4 ÁS 6 ---

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

Bolsa Automobilista de Lisboa
LEILÃO
de automoveis, peças de sobrecelentes de diversas marcas, pneus e acessorios, no dia 5 de Fevereiro.
R. de S. Sebastião da Pedreira, 122

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

OS QUE TOMAM
IODONAL
NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LASE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.
FARMÁCIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

PANCADA, MORAES & C.A
Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer compra aos melhores preços
Rua Augusta, 37
(esquina da R. S. Julião)

BANCO DE PORTUGAL

A Administração do Banco de Portugal, para auxiliar a circulação das suas notas, resolveu emitir notas de nova chapa do tipo ouro de **50 escudos**, para circularem conjuntamente com as das chapas do tipo equivalente em réis, actualmente em circulação, que serão retiradas em ocasião oportuna.

Os principais caracteristicos destas novas notas pelo que respeita a côr, data, serie, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrama do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas delegações nas capitais dos outros distritos.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1922.

Pelo Banco de Portugal
Os directores
J. P. Castanheira das Neves
R. Ulrich

GRANDE HOTEL PORTUGAL

SISTEMA AMERICANO

12, RUA DO AMPARO, 12
LISBOA,
Falam-se linguas
Serviço de Restaurant

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.DA
17, Largo da Biblioteca
LISBOA

Conservas et Vinhos

REPRESENTANTES EM
BORDEAUX
PRAGA
BEYROUTH
ALEXANDRIA
PYREU
SALONICA
ANVERS
GENOVA
SMYRNA

O LIVRO DE RENÉ MARAN

PAUL GAULTIER FAZ A AUTOPSIA DA OBRA NUM INTERESSANTE ARTIGO

Um ataque do distinto publicista francês á Academia Goncourt por ter conferido o premio ao romance "Batouala"

A Academia Goncourt acaba de premiar um romance negro. «Verdadeiro romance negro» lê-se na capa de «Batouala». Menção superflua! Basta abrir o livro para se dar por isso. Como romance negro «Batouala» é-o completamente, a fundo, em toda a acepção do termo.

Não o é apenas porque como o «Le Romulus concou» de Paul Reboux ou «Le visage de la Brousse» de Pierre Bonardi, apresenta pretos em scena, nem porque o seu autor é um preto autentico.

E'-o principalmente — e nisso consiste a sua novidade — porque foi escrito e pensado em negro. Esse romance constitue o mais completo spcimen da literatura negra que se tem publicado em lingua francesa.

Não devemos admirar-nos. Depois da invasão que sofreram as nossas orquestras por essa cacofonia epileptica que se chama «jazz-band» e das exposições de desenhos pueris e de informes estatuas negras, o romance negro não podia deixar de ter a sua hora.

«Batouala» não se contenta com fazer falar e agir pretos, descrevendo os seus gestos e ás suas ceremonias. E' um perfeito exemplar da arte e do pensamento negros.

A acção é rudimentar e brutal.

Um preto, «Batouala» é atraiçoado por uma das suas mulheres. Quer matar o sedutor, Bissibingui, mas é morto por ele. E emquanto agonisa, os dois amantes, se assim devo classificá-los, beijam-se ardentemente diante dele.

Quanto á arte que presidiu á descripção desta historia, não pode ser mais simplista.

Algumas amostras:

«A chuva, cai. Morna, torrencial, diluviana, em ondas pesadas, serradas, infatigaveis, irresistiveis, incessantes, ela cai...».

Ou ainda:

«Sons de campainhas, choques de pilões, retintins de azagaias, vomitos incoerciveis, discretos ou claros, quentes ou roucos, o coaxar de todas as especies de sapos e de rãs cantam «Yangba».

E ainda a repetição infatigavel e monotona que se encontra quasi em todas as linhas:

«Por toda a parte plantações. Por toda a parte planicies, planicies, planicies e no fim das planicies a Déka...»

Mais:

«As mulheres batendo com os pés, berram, berram...»

«Olha! Olha! Olha!»—pensa Batouala.»

Se ao menos esse livro nos ensinasse verdadeiramente alguma coisa sobre o paiz e os seus habitantes! Já não falo da visão pessoal. De pessoal não ha no «Batouala» senão inversões, manifestadas de resto com tal inepcia que certas frases parecem contorsões selvagens.

Mas, á falta de pontos de vista originais esse livro poderia dar-nos a fisionomia de Oubangui Chari, onde decorre a acção.

Ah! Em materia de côr local, René Maran não encontrou nada melhor do que semear a sua descrição de vocabulos indigenas, com uma profusão que prejudica a clareza.

Por exemplo:

«Les linghas, les balafous, les kourdiés luttèrent de frénésie. Les toucans ricanaient sinistrement.»

E' tudo e é pouco. Se nos desse o sentido dessas frases ainda se compreenderia. Mas não seria, evidentemente, para o autor um estilo suficientemente negro.

Depois dos nomes comuns veem os nomes proprios, dos quais René Maran, naturalmente para nos causar espanto, abusa: «E ao fim dessas planicies a Deka que se lança na Kandja. Porque a Bamba se transformou em Kandja, N'Yakowia sabe depois como!»

Estamos muito longe da arte de Loti que tambem descreveu os negros no «Roman d'un Spahi» e tambem o deserto. Algumas linhas de Pierre Loti dizem muito mais sobre a alma dos negros do que todo o volume de René Maran. Analizando bem, os pretos não estão melhor pintados do que o seu paiz.

O auctor faz-nos assistir a algumas das suas ceremonias, principalmente a uma «yangba» e a uma caçada. Mas além de não «vermos» as scenas porque René Maran é incapaz de dar a impressão dum ambiente, nada aprendemos da psicologia dos seus personagens apesar de eles a terem, segundo a propria confisão do auctor. Nada ficamos conhecendo do que eles sentem e pensam. Nada ficamos sabendo da sua vida do dia a dia. Contrariamente ao projecto que expõe no prefacio, René Maran, não consegue interessar-nos pelos seus compatriotas. Eles passam no livro em silhuetas vagas que não chamam a atenção. Tudo aquilo é duma arte primitiva, numa palavra, arte negra.

Esquecia o «parti-pris» da grosseria, muito negra tambem, e que naturalmente foi a unica qualidade que fez com que o romance agradasse aos membros da Academia Goncourt, a julgar pelas escolhas precedentes.

«Batouala» lembra-nos os tempos remotos do naturalismo. E' da especie mais baixa e menos sã e tambem da mais inutil.

Repare o leitor: «Hum! Escarrámos. Aquilo cheirava mal! Seguramente havia homem por ali, porque o homem é de todos os seres animados aquele cujos excrementos desenvolvem o mais intoleravel odor. Agarra-se ao nariz, persegue, persiste, afronta. Que mau cheiro!» E quantos outros detalhes ignobeis ou obscenos que eu não cito por respeito pelos meus leitores.

Em resumo: «Batouala» não é a nenhum titulo uma obra de arte. E' uma obra elementar, muito honrosa para um negro, que nos edifica sobre os seus irmãos, menos pelas suas descrições do que pela mentalidade que testemunha o seu auctor. Mentalidade primitiva e como tal simplista que não vai mais longe do que o aspecto exterior e do que o todo superficial. Que um negro autentico tenha escrito esse livro em francês é interessante e atesta que a raça negra é capaz de progredir. Mas o livro não atinge mais largos designios. Será a raça negra como Maran a desenha? Não o creio. René Maran apresenta-nos gorilas em vez de homens.

O que em todo o caso me impressiona é constatar que a Academia Goncourt, que aparentemente não está encarregada de aperfeiçoar as raças humanas, tenha resolvido, sob o ponto de vista literario, conceder o premio de que dispõe, a um esboço tão futil, quando podia ter gratificado com ele uma obra a todos os respeitos notavel.

E tinha por onde escolher. Citarei o «Epithalame», um conto deliciosamente filosofico, o saboroso «Castagnol» de André Lamandé, o vibrante romance de Louis Chachourne «Terre de Chanaan», «La cavalière Elsa» e «L'entrepreneur d'illuminations».

A Academia Goncourt só encontraria embaraços na escolha. Goncourt, que eu saiba, era um literato puro e um artista, um homem de letras com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Ele ficaria estupefacto com a designação «de verdadeiro romance negro» e com a leviandade com que os seus herdeiros classificaram «Batouala» como o melhor romance publicado por um joven durante o ano.

Tenho mesmo algumas razões para supôr que o fundador da Academia Goncourt ficaria um pouco inquieto. Preguntaria a si proprio se o espirito de vertigem que por excesso de requinte faz preferir a alguns dos nossos contemporaneos ás obras harmoniosas simples ragidos, não atacou certos membros do cenaculo que tem o seu nome. Temeria ver nesse gesto um sinal dessa deliquiscencia, que em musica nos conduziu ao «jazz-band», nas artes plasticas do cubismo ao tactilismo e que em literatura muito bem poderia conduzir-nos do dadaismo ao gagaismo.

Prefiro acreditar que a Academia Goncourt quiz manifestar a sua solicitude pelos nossos irmãos de côr, esperando que ela seja agradecida pelos seus cerebros inferiores, o que a incitará a coroar no proximo ano qualquer «verdadeiro romance macaco», se aparecer algum.

Paul Gaultier

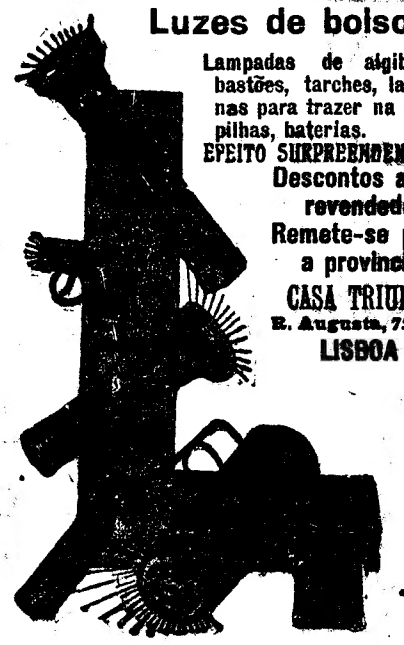
Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!



Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

Edições da Biblioteca Nacional

Á VENDA:

Lusiadas. Reprodução «fac-simile» da 1.ª edição, com aparato critico do dr. José Maria Rodrigues, 20$00.

O Processo dos Távoras, com prefacio e indice de Pedro de Azevedo, 7$50.

Anais das Bibliotecas e Arquivos. Unica revista da especialidade em Portugal. Colaboração de Julio Dantas, Jaime Cortesão, Raul Proença, Antonio Anselmo, Aquilino Ribeiro, Pedro de Azevedo, Leite de Vasconcelos, D. Carolina Micaelis de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, Luís Figueiredo Guerra, Fária de Vasconcelos, etc., etc.—Publicados 7 numeros, a saír brevemente o n.º 8.—Assinatura 4 numeros (1 ano), 5$50; numero avulso, 1$50.

Aceitam-se pedidos directos á Biblioteca Nacional, quando acompanhados do custo e importancia do porte.

Descontos aos revendedores.

A SAÍR:

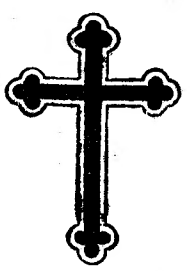
Marco Paulo, conforme a edição de 1597, introdução e indices de Esteves Pereira, edição especial, 18$00, e edição ordinaria, 8$00.

O Processo de Marquês de Pombal, notas e prefacio do dr. Jaime Cortesão.

Recreação periodica, do Cavaleiro de Oliveira. Restituição, estudo crítico e biografico de Aquilino Ribeiro.

EM PREPARAÇÃO:

Obras de *Gil Vicente,* reprodução «fac-simile» da 1.ª edição; notas e prefacio de D. Carolina Micaelis de Vasconcelos.



ADOLFO ROCHA LEÃO
FALECEU

João de Vasconcelos Rocha Leão e seus irmãos participam ás pessoas de familia e das suas relações, que por vontade de Deus faleceu seu querido Pai, e que o funeral se realiza ámanhã, 3, pelas 15 horas, da Avenida da Republica, 66-2.º D.

José d'Arruela
ADVOGADO

Mudou o seu escritorio para a Rua Nova do Almadã, 81, 1.º Telefones 1:949 e 4:343.

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 Telegrafo DIFONSO **DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da**
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Da mulher e da trepadeira

Tambem aquela mulher tinha a sua historia. E qual é a mulher que não tem uma historia? Qual é a mulher que não tem um fio de saudade a torná-la prisioneira desta cadeia da vida, em que todos andamos, uns em quarto particular numerado, outros no xadrêz dos presos de delito comum?

A sua alma quasi ingenua de criança, onde passava o deslumbramento de milhares de luzes de varias côres—desde que ele a tinha visto entre as outras mulheres—punha-se agora a recordar o passado, encostada á janela da sua saudade. Havia uma trepadeira que subia do jardim, abraçando a parede em caprichos de mulher que toda se dá num abraço, e vinha beijar com seus labios purificados de orvalho os labios dela—onde não se tinha apagado ainda a memoria perfumada dos seus ultimos beijos.

E tanto aquela trepadeira lhe pareceu talhada á imagem da sua propria vida—trepadeira da aventura, que nos seus labios trazia o mel das pequeninas flores de corola rosada — que sentiu um desejo inexplicavel de trincar com os seus dentes as florsitas roxas em que as abelhas poisavam para lhe sorver a gota de mel. Como se pudesse voltar atrás para tornar a beber as gotas de mel que a sua juventude florida tinha deixado nas azas doutras abelhas!

A historia fica para outro dia, para te poupar, alma ingenua de criança, o orvalho das tuas lagrimas — tal qual como o orvalho da trepadeira que se debruça da tua janela. Colhe a ultima gota de mel. As abelhas não poisam nas flores murchas do teu jardim . . .

Norberto Lopes

Nota Financeira

Não era preciso chegarmos á hora demissionaria do gabinete Cunha Leal, nem tão pouco ser profeta, para reputar por agora infundadas as noticias que correm sobre emprestimos.

Bastava a declaração-programa do sr. Cunha Leal, que reduzia os propositos da gerencia financeira, sob a sua presidencia, a mera assinatura de expediente. O agravamento dos cambios sempre obrigou o sr. ministro das Finanças a impressionar-se, e dizem que até a adquirir ouro ao «melhor», o que é sempre o peor preço para um cliente, quando, sobretudo, este é uma tesouraria do Estado, e a entregar aproximadamente um terço a determinadas entidades da praça.

Pelos resultados vê-se que não foi acertado o remedio e mesmo previamente se podia afirmar que de nulos efeitos seriam as providencias, executadas como foram.

Mas se quizermos classificar benevolamente esses actos, podemos continuar a classifical-os como simples gestão de expediente, tanto mais que afinal de expedientes e inprofiquos expedientes se trata.

Afóra isso, o sr. Cunha Leal e o sr. ministro das Finanças estando numa situação politica de emprestimos limitar-se-iam, era logico, obter as cadeiras do Poder emprestadas. De emprestimos externos não era verosimil.

Se d'alguma operação se tratou será simples operação de tesouraria, sem necessidade de aprovação parlamentar. A manter-se o criterio de sempre do sr. Cunha Leal chefe do governo, o parlamento é que poderia decidir de qualquer operação de grande monta.

CAMBIOS

DIA 2

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	—	—
Londres, cheque	4 5|8	4 1|2
» 90 d. v.	4 3|4	—
Rio Londres	7 9|32	—
Paris	1$007	1$037
Itália	$561	$577
Bélgica	$963	$991
Suiça	2$361	2$429
Espanha	1$842	1$893
Berlim	$059	$062
Holanda	4$483	4$608
Nova-York	12$109	12$443
Austria	$004	$006
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	—	—

NA RUA LARGA DE S. ROQUE

ASSIM FALOU ROCHA MARTINS

ácêrca do regicidio, do sr. Alfredo Pimenta, do juiz Veiga, dos predios do sr. D. Carlos I, da geração anarquista do começo do seculo e do que ele hoje diria se tivesse jornal

Esta manhã desciamos a rua Larga de S. Roque, antiga rua do Mundo, quando encontrámos o sr. Rocha Martins, presadissimo colega de jornalismo, bom *pardessus* café com leite, sorriso fertil para a critica por dá cá aquela palha, e uma rectificação sempre engatilhada para o primeiro que toca assuntos de historia da monarquia, sem para tal estar documentalmente autorizado.

— Então o vosso chefe de tipografia descobriu que o Juiz Veiga ainda estava no exercicio do seu cargo quando foi do regicidio...

— Lá isso, se o Miguel Martins o disse...

— O Juiz Veiga tinha deixado o seu logar quasi no começo do governo de João Franco. Por causa dos famosos predios do Rei.

— Os predios...

— Você não se lembra? O João Franco tinha que apresentar a nota dos bens da Casa Real, e nessa nota falharam, porque o sr. D. Carlos não acusou a compra, os predios defronte das Necessidades e que o Rei tinha comprado com um fim reservado. Dizia-me o João Franco uma vez: «este Bragança não tem confiança em mim...»

—Foi *A Luta* até que publicou as escrituras de compra...

—Exacto. Pois o juiz Veiga, que fôra testemunha do acto, não disse nada ao primeiro ministro. Daí o João Franco correr com ele. Isso foi muito antes do regicidio... Ora o nosso Miguel Martins... E a proposito: o Veiga fez falta. Se ele estivesse no logar de juiz não se davam conspirações. O Veiga sabia tudo. O Veiga espionava tudo. O João Franco correu com ele, e logo se começou a conspirar por toda a parte.

E recorda passagens desse tempo tenebroso o nosso colega Rocha Martins. E logo segue:

—Eu hoje se tivesse um jornal diario tinha que dizer. A *Epoca* afirma tambem que o Rei foi mal guardado. O Rei é que não quiz tropas. Mandou tudo embora. Eu soube isso porque ao tempo era redactor principal do orgão do governo. Havia um esquadrão comandado, parece-me, pelo Cunha Viana. D. Carlos era um teso. Quando pressentia perigo é que exigia andar sem guarda. Um grande teso; portuguesinho valente, como o Sidonio. Estes dois homens morreram porque quizeram. Por serem de boa fibra. Tesos como portugueses.

—Tesos, não ha duvida.

—E o Alfredo Pimenta a penitenciar-se, a choramingar, que a geração dele não teve culpa alguma no regicidio? Teve tal! Foi a geração anarquista de Coimbra, de que o Pimenta fazia parte, a culpada de muita coisa. Porque era novo, 24 anos. Olhe lá... Novo era eu e já estava do lado de cá, com o João Franco. Eu tinha deixado os republicanos quando os deixou o Fialho de Almeida, porque os conheci muito bem, a eles, os republicanos, incapazes, egoistas, na sua maioria iletrados e todos inesteticos... *(sic)*.

E num crescendo da sua voz pouco cristalina:

—Tiveram a culpa, e toda. O *Pad Zé* que poucos anos mais tinha que a tal geração de que fez parte o Pimenta e que aplaudiu o Buiça, salvou a vida a João Franco, sendo um grande republicano. Salvou-o, e eu contribui para isso com o *compadre*, como eu chamava ao *Pad-Zé*. Já vê que se a tal geração quizesse ser como aquele boémio honradissimo—tinha-o sido...

—Mas o dr. Pimenta refere-se a isso?...

—Sim, no *Correio da Manhã*. Quem matou o D. Carlos foram os republicanos e os monarquicos — já o tenho dito... Porque o caso foi este: no dia em que D. Carlos quiz ser rei a valer, tirando o poder das mãos dos mandões monarquicos — voltaram-se contra ele. Uniram-se aos republicanos. E' isto.

E voltando a D. Carlos:

—Homem valente. Em sabendo de barafunda ele aí vinha a desafiar os acontecimentos de charuto na bôca. Não teve tropa porque não quiz. E isso do Miguel Martins se referir ao que a policia lhe fez... E o que têm feito os republicanos em materia de violencia e até de crime!...

— Isso é outra cousa. O Miguel reportou-se a factos. E olhe que é uma pagina interessante.

— E a historia da telegrafia sem fios nesse tempo, de bordo dos navios para o Arsenal... Tambem é boa. A historia sempre se escreve de uma maneira bem torta. O Alfredo Pimenta é que tem graça. Que não tiveram culpa! Eles, os anarquistas e os demagogos de Coimbra! Muito tempo depois ainda era republicano. Eu, não. Com João Franco, no seu jornal, já tinha uma posição do lado de cá. Eles, não tiveram culpa... E tem a gente que ouvir isto...

E assim falou ha pouco o sr. Rocha Martins.

O nosso presado chefe tipografico, sr. Miguel Martins, testemunha ocular do regicidio, preso nesse dia, a dois passos de ser morto como um cão—o que tudo ontem contava—declara-nos que, ao recordar-se dos sucessos desse dia tragico que viveu, facil lhe foi confundir o nome do juiz que o pôs em liberdade. Não se trata do juiz Veiga, mas sim do sr. Almeida Azevedo (irmão *Hoche*).

Quanto á telegrafia sem fios, o sr. Miguel Martins afirma que os sinais eram do *S. Gabriel* ou *S. Rafael* para o Arsenal. O que tudo está ainda a tempo—se fôr necessario—de ser esclarecido para a historia verdadeira e adicional do Regicidio...

O convenio sul-africano

O sr. Freire de Andrade declina

Parece que efectivamente o sr. Freire de Andrade declinou o convite para ir a Moçambique, como delegado do governo, negociar o novo convenio que vai ser estabelecido com a União Sul-Africana.

A questão cambial

Duas conferencias importantes

O sr. dr. Caeiro da Mata conferenciou, hoje, com o sr. ministro das finanças, sobre a questão dos cambios, assistindo a parte da conferencia o director geral da fazenda publica.

A lampada PHILIPS

E' sempre preferida em todo o mundo, por ser a melhor

RAUL VIEIRA, Ltd.

RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 C.

Tem DEPOSITO de todos os tipos e intensidades

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

Lampadas para AUTOMOVEL

UM CASO PARA PONDERAR

NÃO DEVE SER PERMITIDA A RECONSTRUÇÃO DO GIMNASIO NO MESMO LOCAL

Os edificios dos teatros devem ser construidos em locais amplos e isolados como o Nacional

Ainda não ha muito tempo, num domingo de manhã, a 6 de novembro do ano findo, um violento incendio quiz reduzir á condição de ruina, o teatro do Ginasio, um dos teatros mais antigos e mais populares da capital. Nesse dia de manhã, a população citadina, foi dolorosamente surpreendida com tão sombrio acontecimento, pois o facto em si, inesperado como se deu, deixou todos nós mergulhados na mais aguda e penosa impressão, produzido pelo infausto successo.

O desastre era comentado com verdadeira magua, por todos quantos saudosamente se recordavam das noites deliciosamente passadas.

O desaparecimento deste teatro, detentor das mais brilhantes tradições da arte dramatica portuguesa, constitue uma perda pesada, num país como o nosso, que se pode ufanar de ter fastos bem gloriosos na sua historia teatral.

Celebridades artisticas nacionais que por ali transitaram, como Barbara, Lucinda, Taborda, Vale, Rosa, Telmo, Joaquim de Almeida e tantos outros, fazem por si a suprema honra de uma [illegible], cujos nomes imortalizados devem andar sempre ligados ao nosso pensamento.

Por ultimo, Alves da Cunha, o ilustre artista de *A Garra*, fechou com *O Celebre Pina* o ciclo dos bons momentos de tanto prazer espiritual que nos proporcionava com a sua magnifica companhia, pois, emprezario então, além de sofrer com o sinistro um abalo tremendo e compreensivel, foi atingido, e mais os seus, na terrivel catastrofe, com prejuizos incalculaveis.

Após o incendio, nasceu a ideia da reconstrução do teatro, ideia que toda a gente recebeu gostosamente, porque não era só uma homenagem que se prestava ao seu reluzente passado, a Francisco de Andrade como tambem desagravava sensivelmente a crise que os actores e pessoal dos varios serviços vêm atravessando.

Lisboa possue pouquissimas casas de espectaculo para a sua sempre crescente população e desse reduzido numero, a maioria delas, afora a sua manifesta pobresa, são de uma superficie pequena.

Pelo seu aspecto e a sua falta de grandiosidade, parecem mais teatros de vilas, do que duma capital.

Reconstruir pois o Ginasio, é sem duvida uma necessidade que se impõe, num meio culto como o nosso, que ansiosamente aguarde que as obras se iniciem com brevidade.

Todavia, o levantamento de um teatro, nos tempos que estão correndo, não é coisa que se possa fazer com meia duzia de papelinhos, atendendo ao custo de materiais e mão-de obra, e só com muitos e muitos capitais, o plano poderá ter realização.

O antigo edificio, estava seguro numa quantia insignificante, tendo sido, portanto, restituido um premio, com o qual, irrisorio como é, nada se poderá fazer.

Urge, portanto, constituir-se uma forte empresa, que tome a seu cargo os trabalhos de edificação. Os herdeiros de Francisco de Andrade, com certeza acolheriam com satisfação a formação dessa empresa, pois havendo tantos homens de coração e endinheirados, com vontade tomariam o empreendimento.

E' o que parece mais viavel e mais acertado.

Arvorou-se nos existentes escombros um ligeiro andaime, indicação aparente que ali se perpetra a sua reconstrução.

Não creio que haja tal intuito.

Pensar-se nisso é incontestavelmente um erro.

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NOS BASTIDORES DO GOVERNO CIVIL

COMO SE PRETENDEU RAPTAR O SR. DAMIÃO DOS SANTOS, ADJUNTO DA P. S. E.

Um jornalista do "Diario de Lisboa" que estava para ser espancado em casa de um entrevistado

Isto, pelo menos ao principio, vai em ar de folhetim. Como titulo, adapta-se este: *Como se pretendeu raptar o sr. Damião dos Santos, adjunto da Policia de Segurança do Estado.*

Quando o sr. dr. Barbosa Viana foi demitido do cargo de director da P. S. do E. e depois de varias tentativas para cair nas boas graças do sr. Cunha Leal, alguem convidou o sr. Damião dos Santos para uma conferencia no restaurant Vigia—réclame obrigatorio para precisar factos.

Esta reportagem fundamenta-se numa conversa que o jornalista ha bocado teve com uma individualidade que tem gabinete e funções directivas no governo civil. Se houver desmentidos, ela lá está para confirmar o que agora dizemos e para contar coisas novas.

O sr. Damião dos Santos meteu-se num automovel do Governo Civil e parou no local indicado para a conferencia. No passeio, dois homens: um que ha pouco tinha deixado de exercer um cargo na policia e um funcionario da mesma.

Travou-se o dialogo seguinte:

—Você empresta-me o carro e vamos ambos...

—Não, não posso emprestar. Tenho que dar o meu giro... Vou ao Alto Varejão, á Avenida Antonio Augusto de Aguiar...

—Acompanho-o.

—Impossivel.

—Mas eu quero o carro, sou ainda...

—Foi demitido ha dois dias...

Ora hoje o sr. Damião dos Santos, lendo num jornal da tarde, um documento que foi subtraido do cofre da policia e que tem a assinatura do sr. dr. Barbosa Viana, autorizando o pagamento de determinadas despesas, chamou o funcionario da policia que acompanhava o individuo que o tinha convidado para a conferencia no Vigia e soube que nesse mesmo dia se tinha planeado o seu rapto...

—Para onde o levavam? preguntámos.

—Era conduzido ao governo civil e depois sequestrado em qualquer calabouço. Isto é tanto mais para admirar que eu—diz-nos o nosso amavel informador—numa entrevista que concedi ao *Seculo*, pedi ao jornalista que aliviasse o mais possivel o sr. dr. Barbosa Viana.

—E agora que faz?

—Vou pedir ao director desse jornal da tarde que venha aqui prestar esclarecimentos.

—E ha mais...

Isto agora vai claramente, porque se entende com o jornalista:

—Como sabe, você entrevistou o sr. dr. Barbosa Viana, que nesse tempo pretendia um emprego do Estado... Empregou muitos esforços; ouvi-o muitas vezes ao telefone... Saiu a entrevista no *Diario de Lisboa*...

—Sem termos dito tudo quanto o sr. dr. Barbosa Viana nos afirmára, porque ele estava numa situação dificil e porque compreendemos que, realmente, ele se importava muito com as ligações telefonicas...

—Bem. *Hum! Compreende?* Manda-se ir o rapaz a minha casa e depois chega-se-lhe...

—E eramos tambem raptados?

—Acho que não! Mas essa atitude!...

—A entrevista que ele concedeu escangalhou-lhe todos os seus arranjos...

—E como era verdade o que lá vinha...

—Não a pôde desmentir. Comprometeu-se...

—Outra coisa: o *complot* contra o sr. Cunha Leal?

—E' uma balela. Os dois funcionarios denunciados são bons rapazes.

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

O 19 DE OUTUBRO EM CLARO

QUATRO PRISÕES IMPORTANTES

dar-se-hão dentro de vinte e quatro horas, tratando-se, ao que nos informam, de dois oficiais da armada, um do exercito e um civil, que se encontram gravemente comprometidos

Abandonará hoje o sr. Cunha Leal o poder? Não abandonará? Não se sabe. O que se pode afirmar é que, em qualquer dos casos, parte das investigações a que está procedendo o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque sobre o 19 de Outubro ficarão concluidas. *Antes de 24 horas é provavel que se façam importantes prisões de individuos comprometidos nos sucessos da noite tragica.* Quem são eles? O jornalista não o sabe. São seis ou quatro? Pelo menos quatro. Oficiais? Paisanos? Ao que parece, oficiais.

Amigo certo que anda ao corrente de todas estas coisas, e que sabe raciocinar, dissenos ha bocado:

—O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque já sabia muitas coisas antes das eleições...

—E para não comprometer o seu resultado...

—Mais devagar. Se essas prisões se efectuassem antes das eleições, poder-se-ver nisso uma manobra do governo...

—Algumas candidaturas ficariam invalidadas...

—Se os candidatos a deputados fossem presos...

—Poder-se-hia tambem julgar que o sr. Cunha Leal receava...

—Exacto. Cunha Leal nada receia; quere mesmo que, antes de saír do governo. o 19 de outubro se ponha a claro. Daria por concluida a sua missão

—Com um magnifico *coup de téâtre.*

Suspensão no dialogo. Mais baixo:

—A nossa politica vai ter um ponto de exclamação

—Antes de poucas horas?

—Antes de poucas horas.

—Gente graúda...

—Assim parece...

—O depoimento mais importante...

—Houve três: o do sr. Cunha Leal, o do sr. Antonio Maria da Silva e o do governador civil...

—Dois assistiram á tragedia do Arsenal, mas o terceiro...

—Porque o iam consultar, dizer-lhe... Ele não sabia o caminho que o movimento tomaria...

«Quem me disse isto foi fulano». «Se sei?» «Disseram-mo em minha casa...»

—Tudo muito importante...

—Tudo.

—Será um dos presos o oficial de marinha sr....

Abrem-se os olhos do nosso interlocutor; erguem-se-lhe os braços num gesto vago, quasi confirmativo:

—Não sei...

—Sabe o que se diz a respeito daquela reunião celebrada na rua de Santa Marta?

—Não!

—Que é a melhor peça do processo. Fala-se numa pedra branca para as investigações não deflagrarem e irem atingir muita gente importante...

—Meu amigo, vá bater a outra porta que esta já se abriu com vantagem para o seu jornal...

—Resumamos: antes de poucas horas vão ser presos quatro individuos de importante categoria, que se supõem ser oficiais, não?

—Sim. Assim mesmo.

* * *

O sr. Agatão Lança, governador civil de Lisboa, teve hoje uma importante conferencia com os srs. dr. Alexandrino de Albuquerque e José Carlos da Maia.

NO SUPREMO TRIBUNAL MILITAR

O SUPOSTO CRIME DE SALVATERRA

Um soldado acusado de ter morto a sua namorada

Sob a presidencia do general sr. Pereira Dias, tendo como vogais os generais srs. Tamagnini d'Abreu e Pinto de Magalhães e vice-almirante sr. Camara Leme, promotor o capitão de mar e guerra sr. Pereira do Vale e juiz relator o sr. dr. Botelho da Costa, realizou-se hoje, no Supremo Tribunal Militar, em audiencia publica, o julgamento do processo de Manuel da Costa Guilherme, soldado que já foi duas vezes condenado a pena maxima, acusado de ter morto em Salvaterra de Magos a sua namorada.

Da ultima sentença tinha recorrido o defensor, o alferes sr. Dias Bernardo, que hoje tambem o defendeu no Supremo Tribunal. Lido o processo, foi dada a palavra ao promotor de justiça, que, julgando improcedentes os fundamentos do recurso, pediu para que a sentença fosse confirmada.

Dada a palavra ao alferes sr. Dias Bernardo, fez este um resumo do processo, depois do que atacou a questão de direito, rebatendo as afirmações do promotor, que em réplica, pretendeu desfazer os argumentos da defesa.

Treplicou o defensor que manteve os mesmos argumentos, procurando anular os da acusação, o que fez tomando muito calor, terminando por afirmar que o tribunal não devia sancionar a maior das iniquidades cometidas nos tribunais militares, pois o réu é um inocente.

Mais tarde foi lido o acordam que anulou o processo desde a audiencia de julgamento, devendo ser novamente julgado o arguido.

Será, pois, julgado por este crime, pela terceira vez—o que é um caso virgem em tribunais militares.

Ha uma grande corrente a favor do reu, pois parece tratar-se dum suicidio e não de um crime. Segundo parece, é essa a impressão do Supremo Tribunal.

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Os Teatros

Atrás do reposteiro

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro terminou no Porto, no dia 31, as representações da peça «O regresso». Por esse motivo, Angela Pinto, que já concluiu tambem o seu trabalho no «film» «O primo Basilio», regressou ontem á noite a Lisboa.

—O programa do Carnaval no Nacional será executado, como nos demais anos, com todo o brilhantismo, com tres comedias magnificas. Uma delas, «Cartas anonimas», entrou já em ensaios. Haverá bailes de mascaras no domingo Magro e nas quatro noites de Entrudo, não falando, é claro, nos tradicionais bailes infantis.

—Durante a ausencia de Lugné-Poe, que acompanhará possivelmente «madame» Pierat a Lisboa, representar-se-ha na «Maison de L'Oeuvre» a peça «Ubre Roi», tendo como protogonista o conhecido autor dramatico René Fauchois.

—Desistiu-se de fazer «reprise» no Eden, pelo menos por agora, da opereta de Schwalbach «O Chico das Pêgas».

—A companhia Cremilda de Oliveira e Chaby Pinheiro, que se estreou no Sá da Bandeira, do Porto, com grande exito, representando a comedia «O amigo de Peniche», levará á scena, a seguir, a peça de André Brun «A maluquinha de Arroios».

—A revista «O 31» vai ser ampliada com o seu antigo quadro «Farturas a 10 réis» e o de «Caricaturas», do «Ceu azul», para festa de Adelina Fernandes, Nascimento Fernandes volta a repetir «O bebado», uma das suas melhores criações.

—Os maestros Wenceslau Pinto e Raul Portela estão escrevendo a musica para a revista «Caldo verde», de Barbosa Junior, que vai ser representada no Porto.

—A actriz-cantora Aldina de Sousa efectua no proximo sabado, 11 do corrente, a sua festa artistica no S. Luiz, com a «reprise» da celebre opereta «A viuva alegre».

—Vai fazer-se um curioso reclame á peça «O centenario», em scena no Nacional. Pensa em filmar-se a ultima scena do terceiro acto, entre José Ricardo, Alda Stichini e Rafael Marques, exibindo-a depois no Olimpia.

—Os festejos carnavalescos que vão realizar-se no Avenida-Parque terão logar nos jardins e no andar nobre do palacio, cujas adaptações se estão fazendo já.

—Representa-se hoje, pela primeira vez nesta epoca, no teatro de S. Carlos, a immortal obra de Wagner «Parsifal». A opera é dirigida pelo maestro Guf.

—Recebemos os cumprimentos dos artistas liricos Gabriela de Galli e Enrico Roggio.

—Realiza-se no dia 5 de fevereiro, na Academia Recreio Musical, do pessoal do comando geral de artilharia, uma festa de homenagem á senhora D. Julia Leitão e ao sr. José Cardim, representando-se as peças em um acto «O medo da luz» e «O agiota». A seguir haverá baile.

CARTAZ

S. Carlos — A's 20 — 6.ª recita de assignatura extraordinaria «Parsifal».
Nacional—A's 21—«O centenario».
S. Luis—A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,30—«A 8.ª mulher do Barba Azul».
Avenida — A's 21—«O Toureador».
Apolo — A's 21,15—«E' o levas...»
Chiado Terrasse — A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«O 31».
Salão Foz—A's 20-30 e 22-30—A revista «Bichinha gata...».
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.

31 de Janeiro

Um banquete promovido por portuenses

No «restaurant» Vila Flôr do Dafundo realizou-se ante-ontem um banquete promovido por um numeroso grupo de portuenses para comemorar a data da revolução do 31 de Janeiro. Presidiu á mesa o sr. Rafael Mendes Ribeiro, conhecido comerciante, secretariado pelos srs. Mario Barros e Manuel Ferreira. Foram proferidos vibrantes discursos recordando a primeira revolução precursora da Republica. No fim do banquete o menino Fernando Nunes Ribeiro fez uma «quête» para os ceguinhos do Asilo Branco Rodrigues que rendeu vinte e cinco escudos.

MALAS POSTAIS

Pelo «Africa» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Africa Ocidental e para a Oriental via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Nacional HOJE — Sempre Telef. C. 2049

O Centenario

NACIONAL

Triunfo inegualavel

O Centenario

MUNDANISMO

Aniversários

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria dos Prazeres de Carvalho Rebelo Teixeira Mimoso Guedes Brandão de Melo, D. Maria Eugenia do Paiva Faria Leite Brandão, D. Maria do Carmo Fletcher, D. Ilda da Costa Blanck, D. Beatriz de Melo Lobo da Silveira Sepulveda da Fonseca, D. Julia Abecassis Seruya, D. Beatriz Jorge Guimarães, D. Jacinta Veloso, D. Virginia Mendes Calado e Alice da Purificação Morais.

E os srs.:

Marquês de Castelo Melhor, conselheiro João de Azevedo Coutinho Fragoso de Sequeira, Carlos Sepulveda Veloso, Francisco de Almeida de Mendia, João Trigueiros Coelho de Aragão, John Reynolds, Antonio da Cunha de Menezes Monteiro, Antonio José da Silva e Mario Antonio Otolinia.

Casamentos

Realizou-se no sabado passado, na paroquial igreja de S. Jorge de Arroios, o casamento da sr.ª D. Ester Natalia Serra Lino, gentil filha da sr.ª D. Adelaide Borges Serra Lino, já falecida, e do sr. João Correia Lino, com o sr. Augusto Cesar da Silva Castro Junior, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Castro e do sr. Augusto Cesar da Silva Castro.

Serviram de madrinhas as senhoras D. Lidia Coelho Serra e D. Albertina de Castro Dias Ferreira Trancoso, e de padrinhos os srs. Pedro Coelho Serra e o dr. Miguel Antonio Trancoso.

Celebrou o acto o reverendo conego dr. Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na elegante residencia do pai da noiva um fino «lunch».

Os noivos partem brevemente para Angola, onde vão fixar residencia.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Em Salvaterra de Magos realizou-se no dia 23 do passado mês de Janeiro o casamento da senhora D. Maria Constança Roquete Rebelo de Andrade com o distinto advogado sr. dr. Manuel Moreira de Magalhães Pessoa, tendo servido de madrinhas as senhoras D. Maria de Araujo Rebelo de Andrade e D. Maria do Carmo Rebelo de Andrade de Vasconcelos e Sousa, respectivamente tia e irmã da noiva, e de padrinhos os srs. Gaspar Lucas de Almeida e Ernesto de Sá Fragoso, respectivamente tio e cunhado do noivo.

Findo o acto religioso foi servido, na elegante residencia da familia da noiva, um finissimo «lunch», seguindo depois os noivos para a quinta da noiva em Escaropim, onde foram passar a lua de mel, devendo depois regressar a Lisboa, onde fixam residencia.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Na paroquial igreja de Vila Nova de Ourem, realizou-se ha dias o casamento da senhora D. Maria Luiza Leitão de Sá Guimarães, interessante filha do sr. Antonio de Sá Guimarães e irmã do valente capitão sr. Sá Guimarães que se encontra exilado em Espanha, com o distinto capitão de cavalaria sr. Hermilo Prostes da Fonseca.

Serviram de madrinhas as senhoras D. Maria Amelia Guimarães de Oliveira, que se fez representar pela irmã da noiva senhora D. Blandina Guimarães da Silveira Lopes e D. Maria do Carmo Pereira Prostes da Fonseca, irmã do noivo, e de padrinhos os srs. major de cavalaria Artur Urbano Zagalo de Azambuja, cunhado da noiva, e o distinto engenheiro Henrique Chaves.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residencia do pai da noiva, um finissimo «lunch», partindo depois os noivos para Torres Novas, onde foram passar a lua de mel, de onde seguirão para Proença-a-Velha, onde fixam residencia.

Vida diplomática

O sr. ministro da Grã-Bretanha ofereceu ante-ontem uma «soirée» aos oficiais da esquadra inglesa e familias das suas relações e de amisade.

Assistiram á brilhante festa, além do almirante e oficialidade da esquadra, os srs. drs. Augusto Soares, Xavier da Silva, Egas Moniz, generais Gomes da Costa e Abel Hipolito, coronel Ferraz, tenente-coronel Mario de Campos e dr. Augusto de Castro. O corpo diplomatico compareceu á «soirée» não tendo assistido o sr. ministro dos Estrangeiros por estar demissionario.

Sampaio Garrido

No Monumental Club realizou-se há dias um almoço oferecido pela Associação Comercial de Lisboa, ao nosso consul geral no Brasil sr. Sampaio Garrido, o qual decorreu sempre com a maior animação.

Ao «champagne» foram trocados cordiais brindes, os quais revestiram um alto e grande significado, enaltecendo as brilhantes qualidades de caracter e os incansaveis esforços que o ilustre consul tem feito pela nossa expansão comercial. Entre outros destacaram-se os dos srs. dr. Gonçalves Teixeira, director geral do ministerio dos Estrangeiros; Edmond Santos, chefe da repartição de Expansão Economica; Carlos Gomes, Albert Macieira, Mario de Carvalho, Lisboa de Lima, J. Lencastre, em nome do Banco Nacional Ultramarino, e Alvaro de Lacerda.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã na recita da moda do teatro S. Luís, onde mais uma vez se repetirá a lindissima opereta original do nosso colega na imprensa D. José Paulo da Camara e do brilhante poeta da nova geração Luna de Oliveira, com musica do inspirado maestro Filipe Duarte.

Em viagem

Está de novo em Lisboa, hospeda de sua filha a senhora D. Maria Raquel da Guerra Queiroz de Medeiros, e de seu genro o sr. dr. Eduardo de Medeiros, a senhora D. Antonia da Guerra Queiroz, vinda da sua casa de Buarcos.

— Vindo de Madrid, encontra-se de novo em Lisboa o sr. dr. Antonio Teles de Vasconcelos, nosso antigo colega na imprensa e ilustre director de «O Liberal».

— É esperado esta noite vindo do Porto, para onde partiu ante ontem, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria de Almeida da Mota Marques e de seu gentil filhinho Fernando, o nosso colega de redacção sr. Carlos Alberto Pimentel da Mota Marques.

— Para Coimbra partiu da Guarda a senhora D. Josefa Pignatelli Teles de Vasconcelos.

— Partiu de novo para Madrid, mas com pouca demora, o antigo empresario gerente do Cinema Condes, sr. José Castelo Lopes.

— Encontra-se em Coimbra, o sr. conde de Aurora.

— Regressou de Madrid o sr. conde de Calhariz.

— Com sua esposa a senhora D. Maria Victoria de Sousa Gomes, está de passagem em Lisboa o sr. Antonio Pedro Gomes.

Doentes

Com muito prazer registamos ter entrado em franca convalescença a senhora D. Maria do Carmo de Avelar Pinto Tavares, interessante filha da senhora D. Maria Francisca de Avelar Pinto Tavares e do sr. Nuno Pinto Tavares.

—Tem estado retido em casa com um ataque de «grippe» o sr. dr. Pereira dos Reis.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Com graça da "Parçaria"
Que entre nós é a melhor,
São três actos de alegria
A peça o Toureador!

HOJE:
Recita da Moda

Estão suspensas as entradas de favor

THEATRO SÃO LUIZ
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA
Concertos BLANCH
Domingo, 5 — Matinée ás 3 horas da tarde
9.º CONCERTO D'ASSINATURA
da
ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
no qual toma parte a eximia pianista
D. IRENE GOMES TEIXEIRA

PROGRAMMA—1.ª PARTE
I — Synfonia Incompleta — Schubert
a) Allegro moderato
b) Andante com moto
II — Don Juan, poema synfonico — Dr. Strauss
2.ª PARTE
III — Concerto em sol menor — Saint-Saens
para piano e orchestra
Piano — D. IRENE GOMES TEIXEIRA
3.ª PARTE
IV — Manfredo, entreacto — Reinecke
V — Benvenuto Cellini, ouverture, 1.ª audição — Berliez.
A orchestra é augmentada conforme as exigencias das partituras — Bilhetes á venda.

ÁMANHÃ Dia 3
Teatro APOLO
FESTA DE HOMENAGEM a
HENRIQUE ALVES
com a reaparição da celebre aplaudida revista
P. A. M.
Depois de ámanhã — Festa do distinto maestro-compositor
Luz Junior

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Telef. C. 5063
HOJE — Quinta-feira, ás 20 horas em ponto
6.ª Recita Extraordinaria
O drama mistico de Wagner
PARSIFAL
sob a direcção de Vittorio Gui
pelos primeiros interpretes wagnerianos
Blass, Cesa Bianchi, Formichi, Cirino e Griff
Durante a representação não é permitida a entrada na sala de espectaculos

TEATRO SALÃO FOZ
EMPRESA ARTUR SMAUZ
HOJE — RECITA DA MODA — PELA
COMPANHIA OTELO DE CARVALHO
AMOSTRAS SEM VALOR —
Eu sou o «Mosca»
Eu sou o «Zé»
Eu sou o «Mosca»
Olé ri ló lé
QUADRO NOVO
EXITO COLOSSAL
A famosa revista
Bichinha Gata...
ampliada, remodelada e com sensacionais numeros novos
Preços populares
A 2.ª sessão finda á meia noite

Os grandes exitos do cinema
A "Soberana do Mundo,, no Cinema Condes

A grande actriz alemã Mia May no principal papel do extraordinario "film,, a
"Soberana do Mundo,,
que com tão grande sucesso ali se está exibindo
A
"Soberana do Mundo,,
é um "film,, de aventuras cuja acção começa a desenrolar-se na China e promete atingir o mais alto interesse dramatico.

POLITEAMA
Telef. C. 1028 A's 21,30
A peça de extraordinario exito
A 8.ª mulher do Barba-Azul
Notabilissima interpretação de Lucilia Simões
DOMINGO, 5 — 10.º concerto de assinatura, pela
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a regencia do maestro FERNANDES FÃO

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
HOJE — Extraordinario exito
A comedia de
ANDRÉ BRUN
O JUIZ DE FORA
Noite de gargalhada
Estão suspensas as entradas de favor

EDEN-TEATRO
Empresa Henrique Barreiros, Limitada — Companhia de revistas de Antonio de Macedo, de que faz parte o actor Nascimento Fernandes
2 — sessões — 2
Entusiasmo! Graça! Alegria! Espirito!
A sempre festejada, querida e mais representada de todas revistas.
O 31
17 — Nascimento Fernandes
31 — Augusto Costa
Numeros de grandioso e inegualavel sucesso
Não ha entradas de favor
Segunda-feira, 6
Festa artistica de ADELINA FERNANDES com inumeros atractivos e o quadro das caricaturas da celebre revista «O CEU AZUL».

DINHEIRO
Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.
Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.
ANTONIO PEDRO DA SILVA
R. DAS GAVEAS, 6, 1.º
TEL. 1.096

INSTALAÇÕES ELECTRICAS
MAGNETO PORTUGUESA, L.DA
RUA DOS FANQUEIROS, 262
TELE FONE 4323 C.
GRAMAS QUINA
LISBOA

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & C.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & C.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

A VOLTA DA POLITICA ALEMÃ

Rathenau e a atitude do partido popular alemão

A proposito da sua nomeação para ministro dos Estrangeiros toda a imprensa de Berlim faz os seus comentarios

BERLIM, 2

O novo ministro dos negocios estrangeiros Rathenau partiu de Paris. O partido popular alemão considera a nomeação de Rathenau como um ataque do chanceler Wirth por causa da atitude deste partido na questão do imposto e reserva a sua liberdade de acção sobre o seu voto final neste assunto. Os jornais democraticos dizem que esta nomeação foi uma consequencia natural da politica internacional seguida pela comissão de reparações, acrescentando que foi a melhor resposta da Alemanha ao ministerio Poincaré. Os jornais nacionalistas fazem notar que o governo acentua os seus propositos de cumprir o tratado de Versailles e os acordos posteriores. A Deutsche Allgemeine Zeitung *considera esta nomeação a solução pratica dos problemas pendentes. Os socialistas reconhecem principalmente a grande habilidade de Rathenau em solucionar questões complicadas. Os comunistas combatem-no considerando-o causador do encarecimento do pão.—(R.)*

A imprensa francesa e Rathenau

PARIS, 2

O «Petit Journal» é de opinião que Rathenau mostrou tanta habilidade diplomatica que seria dificil ao chanceler Wirth passar sem a sua cooperação. O «Echo de Paris» diz que todos os esforços de Stinnes foram anulados por Rathenau, que na proxima conferencia de Genova se esforçará por levar os aliados a renunciar á politica das sanções.—(R.)

UMA QUESTÃO QUE SE ETERNIZA

Qual será o novo plano de reparações da Alemanha?

O emprestimo "forçado" que se vai emitir será de um bilião de marcos (ouro)

e não será empregado em qualquer medida de fomento nacional

Á hora a que escrevemos é-nos ainda desconhecido o plano de reparações que a Alemanha deve ter apresentado, no dia em que terminou o praso para isso fixado na conferencia de Cannes.

Se o plano apresentado pela Alemanha fôr aceite, sem novas negociações e sem emendas, durante o anos de 1922 este magno problema das reparações será regulado pelas disposições dos proprios que são obrigados a pagar.

Depois do seu discurso no Reischtag, que o fortaleceu no poder, Wirth reuniu os partidos a fim de os levar a um compromisso que tornasse possivel a apresentação dum plano viavel.

Para isso, era necessario encontrar meio de arranjar dinheiro.

As negociações para um emprestimo externo falharam; actualmente fala-se dum emprestimo a realizar na America, mas esse encontra-se ainda no dominio das coisas indefinidas e era impossivel contar com ele, para uma resolução que devia ser apresentada num praso curto e com uma nitidês que não désse logar a quaisquer duvidas.

Tornava-se portanto indispensavel encontrar dinheiro dentro da propria nação, o que não seria nada dificil se os particulares, sobretudo os ricos, não entendessem opôr-se, quanto podem, ao pagamento das reparações. Mas, como é sabido, os industriais e os nobres, as classes mais ricas da Alemanha, são nacionalistas, não querem cumprir os tratados da paz e nunca subscreveriam, por consequencia, a um emprestimo emitido pelo Reich, segundo as condições normais.

Seria inutil apelar para o interesse desses prestamistas, para emitir um emprestimo livre; um emprestimo patriotico, teria para eles um sentido ironico; porquanto, sem se quererem reconhecer vencidos, e seguindo a politica imperialista, entendem que o emprestimo patriotico só poderia ser aquele que tivesse por fim satisfazer despezas contra o pagamento das reparações, senão a favor duma desforra.

Só restava um meio, e a esse procurou recorrer com exito o chanceler alemão: o emprestimo forçado.

A memoravel sessão em que esta resolução foi tomada, foi fertil em episodios dramaticos; por varias vezes, Wirth se viu obrigado a lembrar aos oradores que ponderassem a gravissima situação em que colocariam a Alemanha, se não se chegasse a um acordo.

A esta reunião assistiram os representantes do centro, do partido popular alemão, do partido popular bavaro e dos socialistas maioritarios. Wirth estava rodeado por quasi todos os ministros e por especialistas e peritos em todos os assuntos que pudessem ter relação com o fim que se tinha em vista.

O emprestimo será de um bilião de marcos ouro; os populistas puzeram como condição á sua aprovação, que a totalidade daquela quantia fosse exclusivamente empregada nas reparações, e não em quaisquer medidas de fomento nacional ou melhoria da situação financeira.

Além desta, outras medidas vão ser tomadas para o Reich fazer face aos compromissos que a esta hora já deve ter tomado perante a Comissão de Reparações: serão duplicados os impostos sobre carvão e aumentadas as tarifas postais e ferro-viarias.

Como dissemos no principio desta cronica, desconhecemos á hora a que a escrevemos os resultados do plano que a Alemanha deve ter apresentado. Mas qualquer que elas sejam, estas medidas dão esperanças de que a questão das reparações em 1922 deve estar resolvida, e, por consequencia, que outras medidas de alcance mais geral poderão ser tomadas com probabilidades de exito.

O QUE DIZEM OS NUMEROS

A guerra e as reservas de ouro em todo o mundo

Os países beligerantes viram diminuir as suas reservas em proveito dos que não entraram no conflito europeu

PARIS, 2.

O deslocamento da actividade economica provocada pela guerra teve a sua repercussão imediata nas reservas de ouro dos diferentes paises conforme se tornavam ou não beligerantes. A estatistica seguinte publicada em New-York, dando os numeros das reservas de ouro dos diferentes paises, é significativa a esse respeito.

PAISES	1914	1921
Argentina	235.000.000	453.000.000
Australia	29.000.000	112.000.000
Belgica	53.000.000	52.000.000
Brasil	125.000.000	24.000.000
Bulgaria	27.000.000	7.000.000
Canadá	155.000.000	190.000.000
Dinamarca	20.000.000	61.000.000
Egipto	8.000.000	16.000.000
Finlandia	7.000.000	8.000.000
França	806.000.000	690.000.000
Alemanha	298.000.000	260.000.000
Grecia	47.000.000	268.000.000
Italia	167.000.000	161.000.000
Japão	106.000.000	540.000.000
Holanda	66.000.000	241.000.000
Noruega	14.000.000	39.000.000
Portugal	*6.000.000*	*9.000.000*
Romenia	43.000.000	81.000.000
Russia	777.000.000	——
Espanha	106.000.000	487.000.000
Suecia	28.000.000	75.000.000
Suissa	35.000.000	104.000.000
Inglaterra	195.000.000	764.000.000
Estados Unidos	1.021.000.000	3.637.000.000

Uma verificação geral mostra que os paises em guerra viram diminuir as suas reservas de ouro em proveito dos paises não beligerantes. Há comtudo varias excepções. Por exemplo, os Estados Unidos adquiriram bastante ouro, principalmente depois do armisticio. O Japão, que não esteve directamente em guerra, tambem aumentou a sua reserva de ouro e a Inglaterra igualmente. Pelo contrario, a França, Alemanha, Romenia, Bulgaria, etc., sofreram uma baixa consideravel nos seus «stoks» de metal precioso.—(R.).

EM ARMAZEM
Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Atilhos, rebites e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdicios
Etc., etc., etc.
JOHN M. SUMNER & C.ª
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
29 — Avenida da Liberdade — 37
LISBOA

Coliseu dos Recreios
HOJE—Ás 20,45 (8 3|4)—HOJE
MAGNIFICO E GRANDIOSO ESPETACULO da
Grande companhia de circo
Grandes novidades
Sempre novidades
O MELHOR, MAIS VARIADO E MAIS BARATO ESPECTACULO DE LISBOA

A Portuense
Companhia de Seguros S. A. R. L.
FUNDADA EM 1902
Capital: Esc. . . . . 500.000$00
Realizado » . . . . 50.000$00
Fundo Reserva. . . 95.000$00
SEGUROS CONTRA
FOGO E MARITIMOS
Agente: M. COSTA DUARTE
Rua das Pedras Negras, 30-1.º
Telegramas:—COSDUARTE
Telef.:—C. 1799

CARVÃO VEGETAL-COKE BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.ª
RUA da COSTA 8, LISBOA

GARANTIA
CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.973.788$76,3
SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.
FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e MIXTO DE CAPITAL DUPLO (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)
Seguros terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis
COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853 com sede no Porto (edificio proprio)
Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão
José Henriques Totta, Ltd. (banqueiros)
EM LISBOA, tel. 533, 1599, 4078, 4152 e 4153

A EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

As industrias alentejanas far-se-hão representar?

Tudo nos leva a crêr que sim

A' proxima exposição internacional do Rio de Janeiro concorrerão as nossas provincias?

Sem duvida! Hoje mais do que nunca é necessario valorizar os produtos portugueses, tornando-os conhecidos além Atlantico onde existe uma nação amiga, que fala a mesma lingua e que está intimamente ligada a Portugal pelo espirito e pela raça!

Tudo nos leva a crêr que o Alemtejo, a maior das provincias portuguesas, se fará largamente representar e que mais uma vez as suas riquesas serão apreciadas com justiça e simpatia.

Ao contrario do que muita gente supõe, o rincão alemtejano é rico e as regiões, atravessadas pelo Sorraia e pelo Sado, são ferteis e atraentes.

As suas aguas minerais—Aljustrel, Cabeço de Vide, Mertola, Portalegre, Souzel e Vimieiro—facilmente podem rivalizar com as suas congeneres do estrangeiro. A industria do sal é uma das mais prosperas e o alentejano não receia que este produto—tão essencial á vida—sofra confronto com o que se extrai das salinas italianas ou francesas.

As melhores azeitonas de Portugal são as de Elvas, sendo exportadas em larga escala. E' interessante frizar que a embalagem dêste saboroso fruto é perfeitissima, tendo sido justamente premiada nas várias exposições—quer nacionais, quer estrangeiras — a que tem concorrido.

Na mesma região preparam-se com todo o esmero linguiça, paios, presuntos e chouriços, tentando-se actualmente desenvolver o fabrico do fiambre.

Igualmente são conhecidissimas as louças de Estremoz, Aljustrel e Evora.

Nesta ultima cidade existe tambem uma industria importante: a dos carros, chamados alentejanos, que o nosso exercito usou na França durante a grande conflagração. Além desta, há ainda a apontar a da aguardente, dôces de ovos, bolos de milho e de centeio, mel, etc.

Uma das principais riquezas do Alemtejo é a cortiça, a melhor da peninsula, e cuja exportação é importantissima. Propositadamente guardámos para o fim dois produtos alemtejanos, aos puais estão reservados um largo futuro. Referimo-nos aos queijos e ao azeite. O seu largo consumo e a sua constante procura indicam bem quanto êles são bons!

Não deixaremos de citar ainda as mobilias tipicas, cujo fabrico é perfeito e original.

O Alemtejo, trabalhador infatigavel, honesto e inteligente, não deixará—temos a certeza—de apresentar os seus produtos no grande certamen internacional que no presente ano se inaugurará na hospitaleira e linda terra de Santa Cruz.

Os monarquicos e as eleições

O *Correio da Manhã* tem atacado violentamente o governo, a proposito de uns pequenos incidentes eleitorais. Tal procedimento tem causado sincera admiração nos circulos politicos, para mais que o sr. Aires de Ornelas, logar-tenente do sr. D. Manuel, entrevistado por um jornal de Madrid, recentemente, declarou que o sr. Cunha Leal procedeu com a maior correcção durante o acto eleitoral...

Doenças da bôca. dentes e maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia
Dentes artificiais
Em consulta especial para classes menos abastadas e a preços de policlinica, das 9 ás 10 horas, no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. do Jardim do Regedor, 51, 1.º

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

5 HORAS DA TARDE — **ULTIMAS NOTICIAS** — 5 HORAS DA TARDE

A CRISE MINISTERIAL

O sr. dr. Afonso Costa aceitará o encargo de constituir governo?

O sr. Cunha Leal, em caso algum, continuará no poder

Tarde politica de pouco movimento, apesar da crise, o que se explica com o envio, ontem, ao sr. dr. Afonso Costa, de um telegrama em que o sr. presidente da Republica o convida a constituir governo. Aguarda-se a resposta—nos arraiais democraticos com ansiedade—que deve chegar antes da meia noite de hoje e que se não sabe ao certo o que será. No emtanto, alguem, conversando comnosco, recordou episodios recentemente passados em Paris com o antigo *leader* do democratismo e que demonstram a pouca vontade deste em assumir as responsabilidades do poder. Emfim, que o leitor amigo de coisas politicas aguarde mais algumas horas e já as gazetas da manhã lhe dirão qualquer coisa de positivo sobre a crise politica.

* * *

A hipotese Afonso Costa, verdade seja, em pouca consideração é tomada nos meios politicos. A solução do problema—tem-se por certa—não virá de Paris; há que buscá-la em terreno mais proximo. E conjectura-se... O sr. Cunha Leal? Com o mesmo governo? Com um *elenco* ministerial diverso? Mas não. O demissionario chefe do governo não está nada disposto a continuar na secretaria do Terreiro do Paço, por muitas garantias que lhe ofereçam. Ainda hoje conversámos com ele, para confirmar esta impressão. E, na verdade, o sr. Cunha Leal está convencido de que prestará um serviço ao país e a si proprio, abandonando agora a presidencia do ministerio. Que os politicos, que tantas dificuldades lhe levantaram no caminho, tomem a responsabilidade das consequencias desastrosas do seu duplice procedimento.

* * *

Do acto eleitoral resultou uma indicação politica:—a chamada do P. R. P. ao poder. Ele tem de corresponder á manifestação de confiança prestada pelo seu eleitorado nas urnas, assumindo as responsabilidades da situação. Aqui, entre os *leaders*, começam as divergencias. Ha duas correntes. Uma, capitaneada pelo sr. Victorino Guimarães, ministro demissionario das finanças, apercebeu-se inteligentemente de que o resultado das eleições não corresponde a uma atitude identica da opinião publica. Essa corrente receia não só a asfixia, o isolamento que o peso morto dos cadernos de recenseamento não pode romper, mas uma oposição activa, que salte á urna, que suba aos ministerios, que tenha repercussão no parlamento e faça compreender ao P. R. P. que, a governar sósinho, divorciar-se-ha da massa geral da nação. Assim pensam os politicos democraticos que constituem essa corrente, pelo que reclamam a constituição de um governo democratico sim, mas que tenha a representação de um outro partido. Isto para que disponha de uma base de acção mais solida.

A outra corrente formada adentro do partido democratico, e que tem como figura marcante o sr. Antonio Maria da Silva, entende que ele se encontra em condições de assumir, por si, o governo da nação. Essa corrente mete apenas em linha de conta os seus oitenta deputados e a possivel espectativa benevola dos outros dois partidos do regimen:—reconstituintes e liberais...

* * *

Dentro de 24 horas devemos ter governo. E, se o nosso faro jornalistico nos não ilude, á falta do sr. dr. Afonso Costa presidirá no novo governo o sr. Antonio Maria da Silva—que, fisicamente, tem quasi a mesma estatura...

* * *

A comissão executiva do directorio do Partido Republicano Português conferenciou hoje, com o sr. ministro demissionario das finanças, sobre assuntos relativos á situação politica.

* * *

Pediram já a demissão os governadores civis de Castelo Branco, Faro e Viseu, que não têm feição partidaria, sendo apenas amigos pessoais do sr. Cunha Leal.

Novas de Espanha

Afonso XIII e a questão de Marrocos

MADRID, 2

Maura conferenciou com o rei, com quem tratou da questão de Marrocos, e ámanhã haverá conselho de ministros. O ministro do fomento foi visitado por uma comissão de industriais alarmados com as noticias de alterações na pauta das alfandegas dos carvões estrangeiros, tendo o ministro dito que eram infundadas.—(R.)

A acção dos aviadores

MELILLA, 2

Os aviadores bombardearam varias povoações dispersando o inimigo que fazia uso de canhões. Teem continuado a apresentar-se mais soldados prisioneiros.—(R.)

A lotaria

MADRID, 2

Foram premiados na lotaria espanhola os seguintes nnmeros: 21.269, 23.043 e 27.998.

O preço do carvão

PARIS, 2.

O preço do carvão em Cherbourg estabeleceu o «record» da baixa. Tem-se ultimamente vendido carvão ao preço de 23 francos ou seja 9 shillings a tonelada. Este combustivel, oferecido a tão baixo preço, é parte do «stock» do governo durante a guerra.—(L. A.)

França e Inglaterra

A opinião do chefe dos 'trabalhistas'

LONDRES, 2

O sr. Arthur Hendreson, chefe do partido trabalhista, declarou-se contrario ao pacto de aliança anglo-francês, que poderia arrastar a Inglaterra a uma guerra com outras nações que não concordassem com a politica francesa, sobre a qual a Inglaterra não poderia exercer qualquer fiscalização. O sr. Hendreson disse tambem que, sendo a França e a Inglaterra membros da Sociedade das Nações, a aliança militar que pretendem estabelecer é incompativel com as ideias fundamentais da dita sociedade.—(U. P.)

CLINICA DENTARIA
PARA CLASSES MENOS ABASTADAS
PREÇOS DE POLICLINICA
CONSULTAS DAS 10 A'S 12
MARIO MACHADO
DA ESCOLA DENTARIA DE PARIS
R. GARRETT, 74, 1.º—TELEF. C. 1486

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

UM ARTIGO QUE MERECE SER LIDO

A proposito da reconstrução do teatro do Gimnasio

(Continuação da quarta pagina)

O local da rua da Trindade deve ser posto de parte.

Ele é consideravelmente exiguo, para uma casa de espectaculos, porque, apesar da sua area ser extremamente insuficiente, tem a grande desvantagem de possuir pouco fundo. Haja em vista que tão exiguo era que os camarins se encontravam alojados por baixo do palco.

Os teatros são edificios que, pela sua natureza, sómente deve ser permitida a sua construção, em locais amplos e isolados, como por exemplo o Nacional, que é o unico que se submete ás determinadas regras da logica e que reune os meios suficientes, para a segurança do publico, em caso de sinistro, ou de panico.

O isolamento dos teatros obedece a possuir em todas as suas fachadas, saidas comodas e rapidas, o que evidente se torna, evitando-se as aglomerações, que são sempre, na maioria dos casos, as origens das desgraças até hoje registadas.

Portanto, é perigoso pretender-se encaixar teatros em ruas estreitas e em sitios acanhados, como fossem simples moradias e a pretenção mais grave se torna, quando previamente se reconhece a segurança publica ameaçada.

Em 21 de Março de 1888, a data funebremente celebre para a cidade do Porto, data que ainda deve andar gravada na nossa memoria e que dificilmente se poderá apagar do nosso espirito, pelas profundas e dolorosas impressões de terror e de piedade que causou em todo o país, motivado pela monstruosa catastrofe do teatro Baquet.

Quantos inocentes não deixaram a vida, e quanto luto não houve!!.....

Citando esta pagina tragica que foi nos ultimos tempos a de maiores consequencias, apenas desejo frizar, o quanto é de inconveniente e imqerdoavel, a construção de casas de espectaculo, em logares, que pela sua situação, não oferecem de modo nenhum, condições de segurança para o publico, quando qualquer facto anormal se dá.

A Companhia dos Telefones, decerto faria a acquisição—daquelas ruinas, aumentando desta maneira, as suas futuras instalações e no antigo local pôr-se-ia uma lapide comemorativa, significando que o primitivo Ginasio ali existiu.

Esta, será a melhor solução que se pode dar ao assunto e é a unica indicada.

Perante todos estes fundamentos, deve-se ter em vista a escolha de um outro local, que reuna as circunstancias necessarias e apontadas e construir-se então o teatro que deve ser projectado com todas as exigencias modernas, higienicas e arquitectonicas.

O homem, criador das mais belas manifestações do espirito humano, as suas obras de arte, devem ser contempladas com o que existe de mais serio, de mais profundo e de mais magestoso.

A execução pois, duma firme obra d'arte, não se deve julgar, portanto, como uma simples recreação.

E' um momento grave de vida, aquele em que a alma se levanta, até ás mais belas ideazações.

Os espectaculos devem ser verdadeiramente artisticos e proprios duma sociedade culta, com seriedade e moral, entendidos como verdadeiras solenidades.

Os teatros devem edificar-se para esses actos solenes, por modo que a frivolidade encontre já na construção do edificio o devido respeito.

Inteira e expressamente, a construção deve justificar a vitalidade de um povo, a não ser que, se voltassemos ás formas antiquarias da Grecia, ou de Roma, com certas modificações, o mal tivesse remedio.

Cosmelli de Sant'Anna.

"INCOMODINE"
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.